

39º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

MR11 - Do corpo da classe a classe dos corpos: Jogos Olímpicos e os jogos da  
diferença

**Os Jogos Olímpicos dos trabalhadores como oposição ao movimento olímpico de  
Coubertin**

*Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio  
Faculdade de Educação Física  
Universidade Estadual de Campinas*

## Introdução

Da fundação do Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1894 até 2015 são 121 anos de história. Ao longo desse período o COI foi presidido por apenas nove pessoas fato que por si só é capaz de revelar uma característica central e fundante do movimento olímpico: a centralização do poder. Associada a essa centralização temos uma outra característica marcante: o movimento olímpico surgiu e se consolidou por meio de presidentes europeus. O único a romper essa “dinastia” europeia foi o norte americano Avery Brundage.

O COI sendo uma entidade que centralizou o poder e esteve nas mãos majoritariamente dos europeus buscou, desde os anos iniciais, um caminho a ser trilhado para se consolidar no mundo dos esportes. Para isso, investiu na organização dos Jogos Olímpicos que teve a sua primeira edição em 1896, ou seja, apenas dois anos após a criação do COI já acontecia a sua competição internacional. Ao mesmo tempo em que a busca por alavancar os Jogos Olímpicos se tornou algo almejado pelos membros do COI também foi necessário estabelecer e definir as regras do seu evento.

Em busca das definições de amadorismo e profissionalismo o COI acabou por restringir a presença dos trabalhadores. Como as definições foram em busca de garantir as condições amadoras em detrimento da participação dos profissionais o COI, de origem aristocrática, conseguiu, por meio da definição das regras, validar a presença de atletas oriundos da aristocracia e restringir a presença dos profissionais representados por pessoas vindas da classe trabalhadora. Essa restrição gerou uma série de tensões entre os participantes do movimento olímpico, pois o modelo de atleta aristocrático se enfraqueceu na década de 1920 e teve no movimento operário o espaço que os trabalhadores não haviam conquistado dentro dos Jogos Olímpicos idealizados pelo barão Pierre de Coubertin.

Em busca dessa inter-relação o contexto do pós I Guerra Mundial se apresentou como momento crucial para o entendimento das relações de poder construídas entre duas influentes entidades esportivas: o Comitê Olímpico Internacional (COI), fundado em 1894, e a Federação Internacional de Futebol Association (FIFA), fundada em 1904.

A aproximação das duas entidades aconteceu por meio da presença do futebol no programa olímpico. Inicialmente, o futebol foi incorporado como uma modalidade de exibição dos Jogos Olímpicos (1900-1904) e oficialmente aceito no programa olímpico de 1908. No entanto, já em 1912 devido a expansão que o futebol teve em diversos

países houve, pela primeira vez, um questionamento do COI se o futebol deveria ser mantido dentro do programa já que sua definição de amadorismo tinha por finalidade restringir a participação dos trabalhadores.

Portanto, nesse texto mostro como essa tensão entre a presença do futebol dentro dos Jogos Olímpicos tomou, no pós I Guerra Mundial, novos contornos configurando-se como uma luta de poder em torno das definições oficiais do amadorismo. Essa tensão representa a luta pelo espaço que os trabalhadores estavam conseguindo dentro do movimento olímpico, mas sem esperar por essa conquistas e de forma concomitante a esse período organizaram seu próprio Jogos Olímpicos. O ponto central desse debate sobre as definições de amadorismo e profissionalismo aconteceu após do Congresso de Praga (1925) quando, depois de ter sido estabelecido o consenso entre as Federações Internacionais quanto a definição de atleta amador, a FIFA mudou de posicionamento e passou a defender o pagamento pelo tempo de afastamento do trabalhador. Por conta dessa divergência, a FIFA e o COI romperam e o futebol foi eliminado do programa olímpico de 1932. No entanto, sua força política era tão grande que retornou ao programa dos Jogos de 1936.

Desse modo, a década de 1920 é fundamental para entender os rumos do esporte no século XX, especialmente, quanto aos impedimentos estabelecidos por meio da definição de amadorismo que afetava especialmente os trabalhadores impedindo-os de participar. Se por um lado os trabalhadores estavam impedidos de participar, por outro se organizaram e montaram sua própria competição e o I Jogos Olímpicos dos Trabalhadores aconteceu em Frankfurt 1925.

A partir desse contexto, a proposta deste texto é realizar um estudo bibliográfico de caráter histórico a partir da consulta dos Boletins Olímpicos (1894-1927) com o objetivo de constituir a inter-relação da formação do COI e dos Jogos Olímpicos com a criação dos Jogos Olímpicos dos trabalhadores que foi organizada pela *Socialist Worker Sports International* (SWSI), tendo como pano de fundo as decisões do futebol que dialogavam diretamente com as restrições impostas aos profissionais que, por sua vez, afetavam os trabalhadores.

Os dados apresentados ao longo do texto são fruto da intersecção dos textos sobre o tema e dos documentos analisados e se caracteriza pelo o que Aróstegui (2006) denominou como sendo uma *informação documental*. Os boletins oficiais do COI podem conter erros, imprecisões ou omissões. O pesquisador deve estar ciente, conforme afirma Bloch (2001, p. 77), que “[...] a deformação aqui, a supor que exista,

pelo menos não foi concebida especialmente em intenção da posterioridade”. Completa Aróstegui (2006, p. 507) “que as fontes por si só podem conter um componente de *distorção* da realidade” (grifo do autor).

Os documentos investigados formam um escopo documental histórico com a intenção de analisar a trajetória dos Jogos Olímpicos dos trabalhadores. Diante das imprecisões que possam conter os documentos (BLOCH, 2001) e atento ao que Aróstegui (2006, p. 490) chama a atenção para a tradicional “crítica das fontes” a *análise documental*, por sua vez, será feita a partir da ideia de “depuração da informação”. E sobre os documentos e sua análise é preciso recorrer novamente a Le Goff (2003, p. 109) ao afirmar que: “[...] um documento ‘falso’ é um documento histórico e pode ser um testemunho precioso da época em que foi forjado e do período durante o qual foi considerado autêntico e, como tal, utilizado”; além disso, Le Goff (2011) reforça que o documento não é inocente, sendo determinado não somente pela escolha do historiador bem como pela sociedade que o produziu.

Desse modo, parto do pressuposto de pontuar os Jogos Olímpicos dos trabalhadores como pertencente ao campo dos silêncios dessa historiografia (LE GOFF, 2003), especialmente nacional, que frequentemente tem como foco de análise os eventos oficiais, tais como a Copa do Mundo e/ou os Jogos Olímpicos. Riordan (1999) também ressalta que os Jogos Olímpicos (evento oficial) foram explorados por livros, pela imprensa radiofônica e filmes, mas os Jogos Olímpicos e o movimento esportivo dos trabalhadores foram praticamente esquecidos e os estudos que existem estão concentrados somente nas mãos dos historiadores do esporte.

Portanto, este texto analisa os aspectos históricos que levaram os trabalhadores/operários a organizarem os Jogos Olímpicos dos trabalhadores em oposição aos Jogos Olímpicos organizados pelo COI que privilegiava os membros da aristocracia. E, a partir de sua organização, como a SWSI lidou com o dilema entre manter os planos originais de sua criação ou de se aproximar do modelo esportivo do qual eram críticos.

## **Amadorismo e profissionalismo em pauta nos Jogos Olímpicos**

O Esporte Moderno surgiu na Inglaterra no final do século XIX e rapidamente foi exportado para outras nações incorporando os valores da sociedade capitalista (ARDOINO e BROHM, 1995; BOURDIEU, 1983; ELIAS, 1992; RUBIO, 2001). Pelo

fato de boa parte das modalidades esportivas terem se estruturado no contexto inglês, as Federações britânicas são anteriores ao surgimento das Federações Internacionais, (KRÜGER, 1999) e do próprio Comitê Olímpico Internacional (COI).

A primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna aconteceu em Atenas no ano de 1896 em homenagem ao local em que ocorriam os Jogos Olímpicos da Antiguidade. Para que se concretizasse a criação do evento aconteceu, por iniciativa do barão Pierre de Coubertin, em junho de 1894, a Conferência Internacional na Universidade Sorbonne, em Paris. Naquele momento, começavam a ser debatidas e definidas internacionalmente as regras amadoras, característica fundamental presente desde o surgimento do COI, e estruturar a reedição dos Jogos Olímpicos (LUCAS, 1974; KRÜGER, 1999). O centro do debate estabelecido com a formação do COI foi a busca pela definição dos conceitos de amador e profissional, sendo o que estava no cerne das discussões era estabelecer quem poderia fazer parte dos Jogos (GIGLIO, 2013).

No primeiro Boletim Olímpico o cerne da preocupação estava centrada nas possibilidades de um atleta amador ser corrompido pelas tentações capitalistas de obter lucro a partir de seu desempenho esportivo<sup>1</sup>. Dois anos mais tarde o mesmo Boletim ressaltava que o amador deveria apenas competir e praticar esportes por prazer. O fato é que o ideal amador proposto pelo COI estava sendo ameaçado pela difusão do esporte e com ela diferentes nações e diferentes classes sociais ameaçavam a manutenção da condição amadora.

Desse modo, com a formação das Federações Internacionais, além dos campeonatos nacionais passaram a existir as competições internacionais, tendo nos Jogos Olímpicos a sua grande expressão (HOBSBAWM, 1997) de um modelo que se expandiria no cenário esportivo mundial. Essa ampliação do cenário esportivo que tinha como estrutura e escala a dimensão local (competições nacionais) e passa a ter a global (competições internacionais) colocou em pauta discussão pela definição e unificação das regras que permitiriam tais confrontos.

O COI sendo a entidade que vai agregar as Federações Internacionais se encarregou de promover o debate para centralizar a definição das regras. Nessa consulta inicial realizada em 1901 o COI recebeu sugestões de três países: de representantes alemães, do Comitê Sueco feito por Balck (que também era membro do

---

<sup>1</sup> **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**, n. 1, julho de 1894, p. 1-4. Amateurism et professionalism.

COI) e P. Sheldon representante da União de Atletismo Amador dos Estados Unidos. O COI, por entender que não seria o responsável pelas definições técnicas, rejeitou as propostas da Alemanha e Suécia que sugeriam a adoção de um código único a ser utilizado em todas as competições esportivas e resolveu promover um debate aprofundado em seu Congresso<sup>2</sup>. MacDonald (1998) afirma que os Jogos Olímpicos contribuiriam para a unificação das regras, mas conforme aponta Giglio (2013), essa unificação não foi consensual e frequentemente revelou uma disputa pelo poder.

Em 1902, um questionário apresentado no Boletim Olímpico tentava investigar alguns aspectos relacionados ao esporte em diferentes países. Essa sondagem realizada no documento oficial do COI perguntava três coisas: qual a sua definição de amador; quais regras e regulamentos que o seu clube/associação possuía; quais sugestões gostaria de enviar como pauta para discussão do Congresso de Bruxelas que aconteceria em 1905. Coubertin ficou decepcionado com a quantidade de respostas obtidas e por muitas respostas não serem precisas<sup>3</sup>.

Três anos mais tarde, as mesmas perguntas foram realizadas agora sob o título de pesquisa internacional sobre o amadorismo<sup>4</sup>. Novamente a dificuldade diante da ausência de uma definição clara sobre a definição de amador e também da diversidade de respostas impediram naquele momento de se chegar a uma conclusão sobre o debate<sup>5</sup>.

Após acontecer a unificação das regras nos Jogos Olímpicos de Londres de 1908 (ver no próximo tópico) o debate em torno das definições de amadorismo voltavam a ganhar espaço. Depois do insucesso obtido nas duas tentativas de mapear as opiniões sobre o tema a enquete foi publicada na revista britânica *Sporting Life*. Durante oito meses (16 de outubro até 20 de maio de 1909), a revista se encarregou de difundir o debate e chegou a conclusão de que era necessária uma reforma geral no esporte. Essa reforma estaria balizada sob quatro pilares que necessitavam de esclarecimentos quanto aos seguintes assuntos: sobre o recebimento de dinheiro e, conseqüentemente, sobre a obtenção de lucros e reembolso; definir quem era amador e

---

<sup>2</sup> *Revue Olympique*, n. 3, julho de 1901, p. 35-36. L'unification des règlements sportifs.

<sup>3</sup> *Revue Olympique*, n. 8, abril de 1902, s/p. Questionnaire.

<sup>4</sup> *Revue Olympique*, n. 14, janeiro de 1905, s/p. Enquête Internationale sur L'Amateurisme.

<sup>5</sup> *Revue Olympique*, n. 41, maio de 1909, p. 67. L'enquête sur L'amateurisme; *Revue Olympique*, n. 45, setembro de 1909, p. 115. Rapport sur la question de l'amateurisme.

profissional; diferenciar um professor de um profissional; ouvir relatos de diversas experiências<sup>6</sup>.

Apesar dos resultados da aplicação dessa enquete fornecerem algo concreto: quatro pilares que precisariam ser detalhados, segundo Müller (2000), o COI chegou a conclusão de que essa pesquisa realizada não forneceu resultados tangíveis e definiu que seriam consultadas as Federações e Associações para emitir suas opiniões<sup>7</sup>. Para essa nova ação aumentou-se o número de perguntas de três para oito. Mais uma vez o consenso não foi conseguido, mas agora começavam a ser esclarecidas alguns pontos problemáticos, tais como um atleta ser remunerado e continuar a ser amador ou da impossibilidade de um profissional competir contra um amador<sup>8</sup>.

Após esses anos em que o debate em torno da definição de amadorismo e profissionalismo estiveram presentes fora da competição dos Jogos Olímpicos, isto é, sendo debatido no Boletim Olímpico ou em uma revista esportiva a etapa seguinte que se mistura com o final desse debate aqui apresentado passou a estar presente dentro do cenário Olímpico quando a partir dos Jogos de Londres de 1908 a busca pelas definições começou a ganhar mais força.

## **Dos Jogos Olímpicos aos Jogos Olímpicos dos trabalhadores**

A expansão dos esportes que aconteceu no pós I Guerra Mundial assumiu uma dimensão única. A transformação pela qual passou o esporte competitivo teve nos Jogos Olímpicos da década de 1920-1930 um grande aumento, tanto de público quanto do número de participantes. Esse aumento pode ser percebido no quadro abaixo que mostra o crescimento da participação dos países indicado pelo número de Comitês Olímpicos presentes, do número de provas realizadas e do aumento do número de atletas (somando homens e mulheres).

---

<sup>6</sup> *Revue Olympique*, n. 45, setembro de 1909, p. 116 e 118. Rapport sur la question de l'amateurisme.

<sup>7</sup> *Revue Olympique*, Sports – Éducation Physique – Hygiène, n. 57, setembro de 1910, p. 138. The possible unification of the amateur definition.

<sup>8</sup> *Revue Olympique*, n. 54, junho de 1910, p. 90. La question de l'amateurisme.

<b>Edição</b>	<b>Número de Comitês Olímpicos</b>	<b>Número de eventos realizados</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Total de Atletas</b>
<b>1896 Atenas</b>	14	43	241	0	241
<b>1900 Paris</b>	24	95	975	22	997
<b>1904 St. Louis</b>	12	91	645	6	651
<b>1908 Londres</b>	22	110	1971	37	2008
<b>1912 Estocolmo</b>	28	102	2359	48	2407
<b>1920 Antuérpia</b>	29	154	2561	65	2626
<b>1924 Paris</b>	44	126	2954	135	3089
<b>1928 Amsterdã</b>	46	109	2606	277	2883

Tabela 1 - Participantes dos Jogos Olímpicos (1896-1928). Fonte: Facsheet The Games of the Olympiad. Update - October 2013 - Comitê Olímpico Internacional.

Vigarello (2009, p. 450) destaca que a presença do estádio proporcionou o acesso das massas para acompanhar de perto as competições. A construção do estádio de Colombes para os Jogos Olímpicos de 1924 representou uma mudança do olhar e do acesso das pessoas aos eventos esportivos.

O estádio de Colombes, construído para Os Jogos Olímpicos de 1924, é na França o primeiro modelo que combina o acesso das massas ao afinamento do olhar, “um dos maiores e mais bem organizados do mundo” com suas tribunas desenhando um “perfil parabólico”, seus “20.000 lugares sentados e 40.000 lugares descobertos”: recinto construído na periferia urbana para melhor explorar o espaço, rede de transportes para facilitar o acesso, preocupação estética para valorizar ainda mais o local. Os guias de Paris insistem no êxito e na novidade do projeto a ponto de aconselharem sua visita aos leitores dos anos 1920.

Se por um lado, a presença do estádio representava o acesso das massas a um espetáculo que, após as experiências iniciais do movimento olímpico ter os Jogos como um anexo das exposições universais (1900 e 1904), encontrava na década de 1920 o caminho que o levaria a ser uma das maiores competições esportivas do mundo. Desse modo, o entendimento do que se chama Esporte Moderno tem como seu ponto de mudança os anos de 1920.

Embora a discussão sobre as definições caminhavam dentro do movimento olímpico, há muitos anos existiam incertezas diante das inúmeras configurações que o esporte promovia a cada ano. Jules Rimet, presidente da FIFA, questionava o presidente



do COI, Baillet-Latour, para saber se o que seria discutido no Congresso de Praga teria efeito de obrigatoriedade para todas as Federações Internacionais ou se elas teriam autonomia para estabelecer a sua própria definição.

No entanto, o ponto central do debate e que afetava diretamente a participação dos trabalhadores nos Jogos Olímpicos foi sobre a compensação por perda de salário. A princípio a FIFA e o COI concordaram que os atletas não deveriam receber compensação por perda de salário, já que esse tipo de pagamento representaria ganho financeiro e o atleta nessa condição deveria ser considerado profissional sendo, portanto, impedido de participar dos Jogos Olímpicos<sup>9</sup>. Essa discussão sobre a compensação por perda de salário era o indicativo de que o ideal do amadorismo pautado por aquele que praticava esporte no tempo livre e por prazer estava em mudança: não somente a aristocracia se fazia presente nas competições (GIGLIO, 2013; 2014).

O auge da tensão promovido por esse debate aconteceu quando a FIFA mudou de posicionamento. Se em um primeiro momento a FIFA concordou que o atleta amador era aquele que não recebia compensação por perda de salário<sup>10</sup>, a entidade se posicionou de outra maneira ao aceitar algumas exceções para o pagamento quanto ao salário perdido gerado pelo tempo de afastamento (*broken time*)<sup>11</sup>. Os desdobramentos dessa decisão da FIFA tiveram duas consequências: inicialmente o Comitê Executivo do COI e da FIFA concordaram que o salário deveria continuar a ser pago pelo empregador quando seu funcionário estivesse em alguma competição, mas que o empregador poderia solicitar ressarcimento<sup>12</sup> e a Associação Britânica de Futebol se desfiliou da FIFA por não concordar com esse posicionamento da entidade; o segundo momento, que representa um distanciamento entre as entidades por não concordarem entre si, especialmente em torno da definição de amadorismo, quando o COI se posicionou contra o ressarcimento por perda de salário por considerar que essa ação feria a essência do amadorismo.

---

<sup>9</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 1, janeiro de 1926, p. 18. 5. Recommendations adopted at the Prague Congress.

<sup>10</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 1, janeiro de 1926, p. 11. Meeting of the Executive Committee. Paris, November 1925.

<sup>11</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 9, dezembro de 1927, p. 1-2.

<sup>12</sup> **Bulletin Officiel du Comité International Olympique**, n. 9, dezembro de 1927, p. 3-4. Minutes of the Meeting of the Executive Committee Sunday, 30<sup>th</sup> October, (afternoon) and Monday, 31<sup>st</sup> October (morning and afternoon).

O embate travado entre o COI e a FIFA pela definição das regras do amadorismo representava a luta pelo controle do esporte e, por consequência, do poder que uma entidade poderia exercer sobre a outra caso sua definição fosse aprovada. Esse duelo se inicia no Congresso do COI realizado em Praga, em 1925, se estendeu até o final dos Jogos Olímpicos de Amsterdã, em 1928. Nesse momento, diante das divergências entre o COI e a FIFA ficou decidido que o futebol não faria mais parte do programa olímpico (GIGLIO, 2013; GIGLIO, 2014; GIGLIO e RUBIO, 2014).

Além desse evento emblemático da disputa de poder entre as grandes instituições esportivas, dois outros acontecimentos marcaram o período: a criação dos Jogos Olímpicos dos Trabalhadores e dos Jogos Olímpicos das mulheres. A formação de ambas competições precisa ser entendida a partir do contexto histórico do período.

É no seio desse debate em torno da compensação por perda de salários que a primeira edição dos Jogos Olímpicos dos trabalhadores foi criada em 1925. Naquele momento, os Jogos Olímpicos idealizados pelo barão Pierre de Coubertin já estavam na sétima edição. Os Jogos de Coubertin estavam em ascensão, especialmente depois do estágio feito junto às Exposições Universais de 1900 e 1904 quando os Jogos foram um anexo desse evento maior, e permitiu que os membros do COI pudessem orientar o próprio movimento olímpico para ampliar sua atuação e importância junto à sociedade da época.

A certeza desse investimento por parte dos membros do COI veio dois anos depois quando foi organizado os Jogos Olímpicos Intermediários, em Atenas (1906). Esse evento, comemorativo dos 10 anos da criação dos Jogos, foi importante para o desenvolvimento do COI (MATHYS, 1979), pois após o declínio de interesse gerado pela conexão com as Exposições Universais, esses Jogos podem ser considerados o primeiro e principal evento midiático (KRÜGER, 1999).

Para Krüger (1999), os Jogos de Londres em 1908 representam os primeiros Jogos Modernos já que as regras em torno das restrições aos amadores funcionaram como base para que os atletas vivenciassem a condição plena do “verdadeiro” espírito amador. Em Londres, aconteceu a unificação das regras que era um dos temas muito controversos entre as diferentes nações. Porém, como o Comitê Olímpico Britânico controlou os Jogos (SENN, 1999) as regras seguiram basicamente as definições da Federação Britânica (MACDONALD, 1998).

Nesses Jogos de Londres alguns elementos em torno da definição de amador tornaram-se mais explícitos. Além de estar declarado que os Jogos Olímpicos

restringiam-se ao amadores, conforme ressalta Giglio (2013, p. 138), foi apresentado que o “[...] amador era aquele que não recebesse remuneração ou consideração de qualquer espécie a mais do que as despesas necessárias para pagar o hotel e a viagem, ou aquele que não estivesse registrado como profissional”. A preocupação voltava-se para a limitação do reembolso de despesas pagas pelos atletas. No caso das competições de futebol e a manutenção da qualidade de amador, a própria FIFA reforçava que se o atleta tivesse assinado algum contrato, recebido remuneração ou recebido além do necessário referente às despesas que seriam reembolsadas (custos com hospedagem e viagem) perderia essa condição. Embora as restrições começavam a aumentar, também eram apontadas mais exceções: nesse caso um atleta amador continuaria sendo como tal mesmo que jogasse uma partida contra profissionais do críquete ou de futebol caso não houvesse prêmios em dinheiro ou em competições autorizadas pela FIFA ou pela União de Rugby da Inglaterra, Irlanda, Escócia ou País de Gales<sup>13</sup>.

Naquele momento, o COI impunha condições restritivas, por meio das regras do amadorismo, para manter afastado os trabalhadores dos Jogos. Por isso, houve um grande debate em torno das regras do amadorismo, pois já em 1912 questionou-se sobre a presença do futebol no programa olímpico porque essa modalidade começava a trazer os trabalhadores. Vale ressaltar que a origem do COI é aristocrática e como organizadores do evento queriam manter a sua competição restrita para esse grupo (GIGLIO, 2013).

Nestes Jogos de 1912 duas definições, muito parecidas, foram apresentadas sobre a condição do atleta amador. Uma apresentada como regra geral e a outra pela FIFA. Continuava mantida a restrição quanto ao recebimento de remuneração (prêmios) ou recompensa para além do que o atleta realmente gastou; já ter sido registrado como atleta profissional. No entanto, dois itens apareceram: ter ensinado alguma atividade esportiva em troca de dinheiro; ter se desfeito de algum prêmio conquistado em competições esportivas em troca de pagamento<sup>14</sup>.

Um ano antes do Congresso de Paris (que seria realizado em 1914) o COI definiu a pauta a ser discutida junto aos Comitês Olímpicos Nacionais sobre a unificação das regras. Dos quatro itens estavam na ordem do dia dois deles versavam sobre a permissão de quem poderia participar dos Jogos Olímpicos. Mais uma vez era ressaltado que a competição olímpica era voltada exclusivamente para amadores e,

---

<sup>13</sup> 1908 London Olympic Games Official Report, p. 767. Football Association.

<sup>14</sup> 1912 Stockholm Olympic Games Official Report, p. 38-39; 95-96. Amateur definitions.

sendo reconhecidos a partir dessa condição o atleta deveria ser natural do país que defenderia ou estar devidamente naturalizado<sup>15</sup>.

Nesse contexto, das primeiras décadas do movimento olímpico idealizado por Coubertin dois elementos estiveram constantemente sendo debatidos: a popularização dos esportes e a presença dos trabalhadores. Esses dois elementos popularização-trabalhadores não pode ser analisada separadamente pelo fato de que a popularização, especialmente, dos esportes coletivos, com destaque para o futebol, trazia com ela a presença dos trabalhadores. Esse é o dilema que o COI vai enfrentar após a I Guerra Mundial já que desde o início dos Jogos Olímpicos estavam em busca de sua popularização, pois caso não estivessem não teriam sido um anexo das Exposições Universais. Expandir e incluir os trabalhadores era a materialização das diferenças entre as pessoas que frequentariam e competiriam pelo evento idealizado pela aristocracia da época. Para barrar a presença dos diferentes o COI recorria ao lema do “espírito olímpico”.

Além desses dois elementos existia uma outra restrição e, essa de forma mais velada, era quanto a não participação das mulheres. O idealizador dos Jogos Olímpicos Modernos, o barão Pierre de Coubertin, declarava que era contra a presença das mulheres em competições esportivas. Na visão de Coubertin as mulheres deveriam praticar esporte somente no âmbito educacional.

Embora o número de mulheres participantes das primeiras edições dos Jogos Olímpicos (1896-1928) aumentou a cada edição (exceto na edição de 1904, ver tabela 1), o número ainda era muito inferior a da participação masculina. Insatisfeita com essa situação das mulheres dentro dos Jogos e motivada pelo impedimento da inclusão do programa de atletismo para as mulheres nos Jogos de Antuérpia (1920), a francesa Alice Milliat questionou Pierre de Coubertin. Um ano depois, como protesto foi a organizadora do Encontro Internacional Feminino e em outubro de 1921 fundou a Federação Esportiva Feminina Internacional (FSFI). Durante os 15 anos de existência dessa Federação (1921-1936), foram organizados quatro Jogos Olímpicos Femininos (LEIGH e BONIN, 1977; QUINTILLAN, 2000).

Diante da constituição da década de 1920 como um período fundamental para se entender o esporte mundial a proposta aqui é discutir essa polarização por outro ângulo: a formação dos Jogos Olímpicos dos trabalhadores não seria uma forma de

---

<sup>15</sup> *Revue Olympique*, Sports – Éducation Physique – Hygiène, n. 90, junho de 1913, p. 91-92. Fundamental principles.

auto-exclusão por não se sentirem representados e reconhecidos nos Jogos Olímpicos? E em que medida, os Jogos Olímpicos dos trabalhadores se aproximam e se distanciam do modelo de esporte desenvolvido pelo movimento olímpico sob a liderança de Pierre de Coubertin?

Pode-se afirmar que a característica mais evidente do retorno dos Jogos Olímpicos em 1920, após a não realização da edição que aconteceria em 1916 devido a I Guerra Mundial, foi marcada por questões nacionalistas, especialmente no futebol (DIETSCHY, 2012). O festival de Praga organizado pela Associação de Ginástica dos trabalhadores da então Tchecoslováquia e cunhado como a primeira edição não oficial dos Jogos Olímpicos dos trabalhadores reuniu atletas de 12 países em quatro dias de competições dando indícios do potencial das atividades organizadas pelos trabalhadores (RIORDAN, 1999).

Apesar do aumento do número de participantes dos Jogos Olímpicos subir a cada edição quando o comparamos com os Jogos Olímpicos dos trabalhadores percebe-se o quão forte e organizado foi esse evento. Em 1924, nos Jogos de Paris participaram 3.089 atletas<sup>16</sup> aumento considerável ao comparamos os números da edição dos Jogos que aconteceram na mesma Paris de 20 anos antes quando estiveram presentes 997 atletas<sup>17</sup>. Mas se a comparação é entre as duas competições os números são discrepantes. De acordo com Riordan (1999), 150 mil trabalhadores participaram do I Jogos Olímpicos dos trabalhadores realizados em Frankfurt em 1925.

Para entender essa participação massiva dos trabalhadores é preciso recorrer a sua própria fundação. Afinal, conforme pontua Bourdieu (1983, p. 137), traçar a genealogia da formação das instituições esportivas deve ser uma das tarefas da própria história do esporte para que se possa entender os rumos do esporte na sociedade contemporânea. Em suas palavras a história do esporte: “[...] é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica”. Utilizando-se do conceito proposto pelo autor, é preciso entender como aconteceu a formação do campo esportivo que, nesse caso, é o campo esportivo dos trabalhadores.

O movimento esportivo dos trabalhadores surgiu na Alemanha em 1890 com a fundação da Associação de Ginástica dos trabalhadores (Worker Gymnastics

---

<sup>16</sup> Disponível em: <http://www.olympic.org/paris-1924-summer-olympics>. Acesso em 3 de julho de 2015.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.olympic.org/paris-1900-summer-olympics>. Acesso em 3 de julho de 2015.

Association) em clara oposição ao nacionalismo da Sociedade Alemã de Ginástica (German Gymnastics Association), conhecida como Turnen<sup>18</sup> (RIORDAN, 1996). Apesar do movimento ter se difundido por diversos países existiam três princípios básicos que estavam presentes: fornecer aos trabalhadores a chance de fazer parte de uma atividade recreativa saudável; diferente do esporte burguês o movimento era aberto a todos os trabalhadores, homens e mulheres, negros e brancos; alternativa ao esporte burguês que estava pautado no comercialismo, chauvinismo, pela obsessão por produzir astros e recordes (RIORDAN, 1999).

Nesse início, conforme destaca Wheeler (1978), alguns líderes do movimento dos trabalhadores, mesmo sendo uma minoria, pensavam que o esporte poderia distrair a classe trabalhadora de suas preocupações individuais ou coletivas, mas ao mesmo tempo poderia desenvolver um senso de orgulho pessoal e conscientização de classe. De acordo com o autor, conforme o esporte crescia na indústria também era reforçada a visão de que a existência dos esportes mantinha os trabalhadores afastados dos agitadores bem como aumentava a moral e o trabalho em equipe dos mesmos. Essa visão de que o esporte poderia ser uma ótima ferramenta de controle e pacificação dos trabalhadores foi utilizada pelo fascismo, na Itália, e pelo nazismo, na Alemanha.

As duas maiores organizações esportivas de trabalhadores estavam conectadas com os movimentos da Democracia Social e dos comunistas. A *Socialist Worker Sport International* (SWSI) foi fundada na Bélgica em 1913 e refundada na Suíça em 1920. Nessa reformulação recebeu o nome de Lucerne Sports International (LSI) em referência a cidade Lucerne. Porém, em 1927 voltou a se chamar SWSI. A partir de 1921, rivalizou com a *Red Sport International*, fundada pelo russo Nikolai Podvoisky da então União Soviética, entidade essa que possuía uma grande aproximação com o movimento comunista (GOUNOT, 1998, 2001; KRÜGER e MURRAY, 2003).

Embora o movimento esportivo dos trabalhadores tenha surgido com a proposta de uma prática recreativa, após a I Guerra Mundial, houve o aumento do interesse pelos esportes competitivos gerando uma divisão e controvérsias (RIORDAN, 1999). Segundo Wheeler (1978), a refundação da SWSI bem como a inclusão da palavra esporte em algumas organizações de ginástica, por exemplo, refletem o aumento

---

<sup>18</sup> “Desenvolvido por Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852), o Turnen era carregado de um discurso fortemente patriótico e nacionalista, o que contribuiu para sua maior aceitação e disseminação entre a população alemã” (QUITZAU e SOARES, 2010, p. 93). O Turnen foi um movimento das massas e entre 1893-1915 teve um número acumulado de 1.713.403 membros (RIORDAN, 1996).

da importância do esporte organizado e uma das razões do aumento do interesse foi provocada pela implantação da jornada de oito horas de trabalho.

O fato é que as organizações esportivas dos trabalhadores cresceram rapidamente entre 1920-1930 e conseqüentemente muitos clubes foram criados. De acordo com o levantamento feito por Krüger (1996), em 1931 a SWSI possuía 1.875.870 membros distribuídos por 19 países. Segundo Wheeler (1978), essa expansão, principalmente, pelos países da Europa aconteceu em dois momentos: antes de 1914 na Bélgica, Inglaterra, França, Itália e Estados Unidos enquanto na Dinamarca, Estônia, Finlândia, Letônia, Noruega, Palestina, Polônia, Romênia, Suíça, Espanha e Iugoslávia aconteceu em um momento posterior a esse ano.

Oficialmente o ano de 1925 é o marco da primeira edição dos Jogos Olímpicos dos trabalhadores realizada em Frankfurt e que teve como tema “*no more war*”. Também nesse mesmo ano, organizaram os Jogos Olímpicos de inverno que aconteceu na cidade Schreiberhau (atualmente Riesengebirge) localizada na Alemanha (RIORDAN, 1999). Vale ressaltar que os trabalhadores investiram em diferentes formas de atividades esportivas, tais como os festivais esportivos nacionais que foram organizados em diferentes países entre 1926 e 1936, mas foram os Jogos Olímpicos dos trabalhadores a grande competição da classe trabalhadora (WHEELER, 1978).

Na inevitável comparação com os Jogos Olímpicos organizados por Coubertin, a edição de inverno teve sua primeira edição apenas em 1924 na cidade de Chamonix, sendo que os jogos de verão que aconteceram no mesmo ano estavam indo para a sétima edição. Em suma, a dimensão dos Jogos Olímpicos dos trabalhadores foi desde o início enorme e ambiciosa, isto é, enorme devido ao grande número de pessoas participantes e ambiciosa por já em sua primeira edição ter a versão de inverno e verão.

Ainda no escopo das comparações enquanto os derrotados da I Guerra Mundial não puderam participar dos Jogos Olímpicos de 1920 (Antuérpia) e 1924 (Paris) eles estiveram presentes no primeiro grande evento organizada pela Associação de Ginástica dos Trabalhadores da Tchecoslováquia em 1921 (Praga). No entanto, as duas primeiras edições dos Jogos Olímpicos dos trabalhadores (Frankfurt e Viena) foram restritas aos membros da SWSI, os membros comunistas que eram filiados a *Red Sport International* não puderam participar. Sem poder participar a RSI organizou a sua própria Olimpíada que recebeu o nome de *Spartakiada* que aconteceu em Moscou (1928) e Berlim (1931) (WHEELER, 1978).

De acordo com Riordan (1999), a segunda edição dos Jogos Olímpicos dos Trabalhadores que aconteceu em Viena 1931 e organizada pela LSI<sup>19</sup> que, contava com 2 milhões de membros dos quais cerca de 350 mil eram mulheres, levou para Viena aproximadamente 80 mil atletas vindo de 23 países. É preciso ressaltar que nas duas primeiras edições dos Jogos Olímpicos dos trabalhadores, os membros comunistas da RSI não puderam participar (WHEELER, 1978).

Se durante muito tempo a SWSI e a RSI rivalizaram na organização do movimento esportivo dos trabalhadores para a terceira edição dos Jogos Olímpicos resolveram se unir diante dos ataques fascistas que os socialistas e comunistas vinham sofrendo. A proposta era que essa edição acontecesse em Barcelona em clara oposição aos Jogos Olímpicos de Berlim, de caráter burguês, que começaria uma semana depois dos Jogos Olímpicos dos trabalhadores. No entanto, os Jogos Olímpicos dos trabalhadores com sede em Barcelona não foi realizado porque o general fascista Franco aplicou um golpe de Estado e deu início a Guerra Civil Espanhola (RIORDAN, 1999).

O terceiro Jogos Olímpicos dos trabalhadores aconteceu, de fato, em 1937, ou seja, no ano seguinte ao que estava previsto originalmente. Por isso, conforme aponta Wheeler (1978), pela primeira vez puderam participar atletas que não eram membros da SWSI. Sediado em Antuérpia, o evento continuou a receber um grande número de atletas, mas se comparado com a edição de Viena (1931) houve uma grande queda. Mesmo diante das dificuldades impostas pelos regimes fascistas que existiam na Europa em Antuérpia estiveram presentes 27 mil atletas oriundos de 17 países (RIORDAN, 1999).

## **Considerações Finais**

Os anos formativos do movimento olímpico, que datam da gênese do COI (1894) e vão até os Jogos Olímpicos de Estocolmo (1912), foram marcados por grandes tensões em torno do eixo amadorismo-profissionalismo tendo como pano de fundo a não participação da classe trabalhadora nos Jogos Olímpicos idealizados pelo barão Pierre de Coubertin (GIGLIO, 2013).

---

<sup>19</sup> Embora nesse momento a Lucerne Sports International (LSI) já tinha voltado a se chamar Socialist Worker Sport International (SWSI), mas o autor faz referência a LSI.



Nesse período, os Jogos Olímpicos, foram caracterizados pela constante busca da definição da condição amadora que, por sua vez, remetia a uma suposta essência do esporte. O fato é que existiam muitas dúvidas nesse processo de busca pela definição das condições do amadorismo. Por exemplo, estava em debate naquele momento se um atleta poderia ser profissional em um esporte e ser amador em outro. Algo que na sociedade contemporânea, devido a grande especialização pela qual os atletas de alto rendimento são submetidos, essa questão não se torna essencial, afinal, dificilmente um atleta de “ponta” estará em dois esportes ao mesmo tempo. Além disso, entre as dúvidas presentes na gênese do movimento olímpico eram em relação a universalização da definição de amador, ou seja, caso ela fosse estabelecida ela valeria para todos?<sup>20</sup>

Ao longo da história os Congressos do COI funcionaram como um espaço privilegiado de análise da própria entidade que, por sua vez, refletiam na busca por uma tradição materializada por meio do lema “espírito olímpico”. Nesse jogo entre o intrínseco (o próprio COI) e o extrínseco (sua tradição) que o COI estruturou seu plano de ação político e esportivo.

Em outras palavras, devia-se praticar esporte por amor e no tempo livre, sendo tais pontos frequentemente recorridos para justificar uma condição que diferencia o atleta olímpico dos demais: ter “espírito olímpico”. Como oposição a essas condições que deveriam ser alcançadas (amor e tempo livre) descartavam-se quaisquer formas de se obter alguma vantagem financeira por meio do esporte e a valorização do caráter do tempo livre também era uma estratégia de afastar os trabalhadores da prática esportiva, pois os mesmos não tinham tempo livre. Garantir a presença de atletas amadores era uma forma de validar a origem aristocrática do COI que tem na figura de seu idealizador, Pierre de Coubertin, a chancela necessária para que os membros do COI aceitassem essa condição dentro do movimento olímpico.

A década de 1920 é decisiva para o entendimento do Esporte Moderno. Os Jogos Olímpicos dos trabalhadores visto como uma ruptura a um modelo vigente de esporte que pretendia excluir os trabalhadores e as mulheres de sua prática são fundamentais para o entendimento da correlação de forças que as entidades esportivas criam sobre os atletas que querem participar de suas competições. A constituição do campo esportivo (BOURDIEU, 1983) e suas competições internacionais são, muito mais, fruto de rupturas do que continuidades; disputas de poder e, portanto, controle

---

<sup>20</sup> **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**, n. 1, julho de 1894, p. 1-4. Amateuism et professionalisme.

das decisões esportivas e políticas em torno de algum esporte. E, exatamente, por meio das rupturas e suas consequências que se pode entender o contexto político ao qual estavam inseridos os participantes.

O movimento esportivo dos trabalhadores, surgido como uma alternativa ao movimento olímpico idealizado por Coubertin e que tinha conscientemente uma proposta diferente (WHEELER, 1978), mas que no pós I Guerra Mundial, acabou por se aproximar do objeto de sua crítica (recordes, espectadores e vitórias como algo importante) quando houve o rompimento entre duas entidades que cuidavam do esporte dos trabalhadores. Sua rápida ascensão culminou com uma rápida queda, pois foram organizados apenas três Jogos Olímpicos dos trabalhadores, sendo que a edição de Barcelona (1936) não aconteceu devido ao golpe de Estado aplicado pelo general Franco e tampouco conseguiram organizar a quarta edição que aconteceria em Helsinque em 1943.

Mas ao mesmo tempo em que os Jogos Olímpicos dos trabalhadores tiveram uma curta duração, a intensidade com que aconteceu mobilizou muitas pessoas para acompanhar (espectadores) e participar (atletas) do evento. Serviu como contraponto a um modelo estabelecido por Coubertin a partir de uma perspectiva aristocrática e excludente, afinal, somente os amadores eram bem quistos naquele contexto. Sua existência representa que modelos hegemônicos não conseguem eliminar outras manifestações e organizações que se formam a partir dos excluídos. O fato é que mesmo tendo existido por pouco tempo serviu para os membros do movimento olímpico instituído por Coubertin repensarem, mesmo que a longo prazo, quais rumos deveriam ter os Jogos Olímpicos.

## **Referências Bibliográficas**

ARDOINO, Jacques; BROHM, Jean-Marie. Repères et jalons pour une intelligence critique du phénomène sportif contemporain. In: BAILLETTE, F.; BROHM, J. M. (Orgs.). **Critique de la modernité sportive**. Paris: Les Éditions de la Passion, 1995.

ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru-SP: Edusc, 2006.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BLOCH, Marc. **A apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

DIETSCHY, Paul. Violence et supporters de football en Europe jusqu'au début des années 1960: l'exemple de l'Italie. In: **II Simpósio Internacional Hooliganismo e Copa de 2014**, 2012, Rio de Janeiro/Campinas: CPDOC/FGV – PPGEF/FEF/UNICAMP, p. 1-20, 2012.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: problema sociológico. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p. 187-221.

GIGLIO, Sérgio S. **COI x FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos**. 2013. 518 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. “Muito mais do que um jogo”: os embates entre o COI e a FIFA pelo controle do futebol olímpico. **Ciência & Cultura**, São Paulo, v. 66, n. 2, p. 47-50, 2014.

GIGLIO, Sérgio S.; RUBIO, Katia. As relações entre o COI e a FIFA e a formação da Copa do Mundo. In: GIGLIO, Sérgio S.; SILVA, Diana M. M. da. **O Brasil e as Copas do Mundo: futebol, história e política**. São Paulo: Zagodoni, 2014.

GOUNOT, André. Between revolutionary demands and diplomatic necessity: the uneasy relationship between Soviet sport and worker and bourgeois sport in Europe from 1920 to 1937. In: ARNAUD, Pierre; RIORDAN, James (Orgs.). **Sport and international politics: the impact of fascism and communism on sport**. Londres: E&FN Spon, 1998.

\_\_\_\_\_. Sport or Political Organization? Structures and Characteristics of the Red Sport International, 1921-1937. **Journal of Sport History**, v. 28, n. 1, p. 23-39, 2001.

KRÜGER, Arnd. Worker Sport around the world. In: KRÜGER, Arnd; RIORDAN, James (Orgs.). **The story of worker sport**. Champaign: Human Kinetics, 1996.

\_\_\_\_\_. The unfinished symphony: a history of the Olympic Games from Coubertin to Samaranch. In: RIORDAN, James; KRÜGER, Arnd (Orgs.). **The international politics of sport in the twentieth century**. Londres: E&FN Spon; Nova Iorque: Routledge, 1999.

KRÜGER, Arnd; MURRAY, William. **The Nazi Olympics: sport, politics, and appeasement in the 1930s**. Urbana, Chicago e Springfield: University of Illinois, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. A história nova. In: NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogerio F. da (Orgs.). **Nova história em perspectiva – volume 1**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LEIGH, Mary H.; BONIN; Thérèse M. The pioneering role of madame Alice Milliat and the FSFI in establishing International Trade and Field competition for women. **Journal of Sport History**, v. 4, n. 1, p. 72-83, 1977.

MATHYS, Fritz K. Those controversial Games of 1906... **Olympic Review**, n. 146, p. 694, dez/1979.

MACDONALD, Gordon H. **Regime creation, maintenance, and change: a history of relations between the International Olympic Committee and International Sports Federations (1894-1968)**. 1998. 278 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – School of Kinesiology, The University of Western Ontario, Ontario, 1998.

MÜLLER, Norbert. **Pierre de Coubertin (1863-1937): Olympism selected writings**. Lausanne: International Olympic Committee, 2000.

QUINTILLAN, Ghislaine. Alice Milliat and the Women's Games. **Olympic Review**, n. XXVI-31, p. 27–28, fevereiro-março de 2000.

QUITZAU, Evelise A.; SOARES, Carmen L. “A força da juventude garante o futuro de um povo”: a educação do corpo no Sport Club Germania (1899-1938). **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 89-108, julho/setembro de 2010.

RIORDAN, James. The German way of worker sport. In: KRÜGER, Arnd; RIORDAN, James (Orgs.). **The story of worker sport**. Champaign: Human Kinetics, 1996.

\_\_\_\_\_. The worker sports movement. In: RIORDAN, James; KRÜGER, Arnd. **The international politics of sport in the twentieth century**. Londres: E&FN Spon; Nova Iorque: Routledge, 1999.

RUBIO, Katia. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SENN, Alfred E. **Power, politics and Olympic Games: a history of the power brokers, events, and controversies that shaped the Games**. Champaign: Human Kinetics, 1999.

VIGARELLO, Georges. Estádios: o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo – Mutações do olhar: o século XX**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

WHEELER, Robert F. Organized sport and organized labour: the workers' sports movement. **Journal of Contemporary History**, Londres e Beverly Hills, v. 13, p. 191-210, 1978.